Globethics Repository



Um basta às homilias de Bush
[It's enough for Bush's homilies.]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Rifkin, Jeremy
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-13 02:21:47
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162908

Artigos da semana

Traduzimos e reproduzimos a seguir dois artigos sobre os furacões que vêem gerando milhares de vítimas. O primeiro é de autoria de Jeremy Rifkin, economista e ambientalista norte-americano, publicado no jornal ***The Guardian*** em 23-9-2005. Graduado em Economia e professor de Economia e Relações Internacionais de várias universidades estadunidenses, Jeremy Rifkin se define como um militante de esquerda. Atualmente, preside a Fundação de Tendências Econômicas, uma ONG que, em 2002, chegou a apresentar petições em 50 países contra as patentes das sementes transgênicas. Um de seus livros mais difundidos é ***A era do acesso*****.** (São Paulo: Makron Books, 2001), juntamente com ***A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra***. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa uma entrevista que publicamos no ***IHU On-Line*** n.º 67, de 7 de julho de 2003. Rifkin também é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente, como ***O Fim dos Empregos*** (1995); e ***O século da biotecnologia*** (1999); todos editados pela Makron Books, de São Paulo. Seu mais recente livro ***O sonho europeu: como a visão européia do futuro está eclipsando o sonho americano***, lançado recentemente na Espanha, pelas Edições Paidós, é o tema de um artigo, escrito pelo autor, que reproduzimos na 115ª edição, de 13 de setembro de 2004. De Rifkin também publicamos um artigo na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sob o título "O princípio preventivo".
O segundo artigo é de autoria de Michael McCarthy, editor de meio-ambiente do jornal ***The Independent***, publicado no dia 23-9-2005.

Um basta às homilias de Bush

Por Jeremy Rifkin

Lastimo, Sr. Presidente, mas as homilias não vão frear os furacões.

Primeiro foi o rugido ensurdecedor, quando o Katrina avançou a 145 milhas por hora na costa do Golfo dos Estados Unidos. Depois, o lúgubre silêncio, quando Nova Orleans se transformou numa gigantesca cidade fantasma. Agora, um segundo furacão mortífero, Rita, está avançando para a costa do Texas com ventos assassinos, forçando a uma segunda evacuação em massa da população em menos de quatro semanas. E, enquanto mais e mais pessoas começam a ficar espantadas com o que está acontecendo com o clima, parece que todo o Washington oficial está tomando fôlego, deixando vir à tona o sujo segredinho de que Katrina e Rita são o anúncio entrópico das crescentes emissões de CO2 e do aquecimento global. Os cientistas nos admoestaram sobre isso durante anos. Diziam que dirigíssemos nossos olhares para o Caribe, onde os dramáticos efeitos da mudança climática são os primeiros a nos prevenir, na forma de furacões mais severos e até catastróficos.

Aquecimento dos oceanos: conseqüência da mudança de clima

Um novo informe científico, saído na semana passada em ***Science Magazine*** – um prestigioso jornal norte-americano –, dá novo ímpeto à conexão entre o aquecimento dos oceanos como conseqüência da mudança do clima e da crescente severidade dos furacões. Os cientistas relatam que o número de

furacões maiores – categorias quatro e cinco – quase dobrou nos últimos 35 anos. Tormentas tropicais, dizem os cientistas, colhem sua energia da água quente dos oceanos. Quando o aumento global da temperatura aquece os oceanos do planeta, cresce a intensidade dos furacões.

"Nós, norte-americanos, criamos estes temporais monstruosos"

Katrina e Rita, então, não são propriamente má sorte, surpresas ocasionais da natureza, atacando inesperadamente a humanidade. Isso não é mistério. Nós, norte-americanos, criamos estes temporais monstruosos. Sabíamos do potencial do impacto devastador do aquecimento global durante praticamente uma geração. No entanto, ligamos o acelerador, como quem diz: "Não vamos causar prejuízo" O que cada um esperava? Os SUVs (=carros com descarga superpotente) perfazem 52% de todos os veículos na América – cada um deles uma máquina mortífera, espalhando quantidades recordes de CO2 na atmosfera terrestre.

O que os norte-americanos vão dizer?

Como vamos explicar para nossas crianças que os norte-americanos representam menos de 5% da população mundial, mas consomem mais do que um quarto da energia de combustível fóssil produzida a cada ano? Como vamos dizer aos aflitos parentes das vítimas do furacão que fomos demasiado egoístas em permitir até uma modesta taxa de cinco centavos de acréscimo em um galão de petróleo, a fim de encorajar a conservação de energia? E quando nossos vizinhos na Europa e em torno do mundo perguntam por que o público americano foi tão indisposto a fazer do aquecimento global uma prioridade, assinando o tratado de Kyoto sobre mudanças climáticas, o que vamos dizer a eles?

Nas próximas semanas e meses, milhões de norte-americanos colaborarão na assistência às vítimas do furacão Katrina com ofertas de alimentos, abrigo e assistência financeira. As calamidades naturais tendem a fazer emergir o melhor no caráter norte-americano. Orgulhamo-nos de estarmos presentes para desafortunados seres humanos quando eles clamam por ajuda. Por que não conseguimos ter coragem para dar a mesma resposta apaixonada quando a Terra está clamando por ajuda?

É uma vergonha para os Estados Unidos da América e para os povos de outros países – não estamos sós – que preferiram seus caprichos, desejos e gratificações pessoais de curto prazo ao bem-estar do resto do planeta.

Agora até os norte-americanos estão pagando o preço

Naturalmente, mesmo os norte-americanos estão agora pagando o preço. Fomos colhidos entre duas frentes tempestuosas. De um lado, a demanda global de petróleo, pela primeira vez na história, está superando o fornecimento global de óleo. O preço de um barril de petróleo está beirando US$ 70 nos mercados mundiais. A gasolina e o óleo cru estão crescendo tão rapidamente como as águas das cheias nos estados do Golfo o faziam outrora. Em parte porque a tempestade derrubou todos os diques em torno do Golfo do México e incapacitou uma ampla porção das facilidades de refino dos EUA.

O começo do fim agora está visível

Estamos entrando nas últimas e poucas décadas da Era do Petróleo, com pesadas conseqüências para o futuro de uma economia global que é totalmente dependente de combustíveis fósseis. Enquanto nossos geólogos do petróleo não estão certos sobre quando a produção global de petróleo chegará a seu pico – quanto ao ponto em que a metade do óleo mundial reaproveitável terminar, está claro para todos, menos para as poucas almas iludidas na indústria petrolífera, que o começo do fim está agora visível.

Entrementes, nossa biosfera está convulsionada pelo aumento de CO2, e

ninguém pode esconder-se ou escapar. Nosso planeta está aquecendo e as repercussões estão lançando a todos em um imprevisível novo período da história.

O começo do fim agora está visível

Haverá milhares de serviços funerários nas próximas semanas para reverenciar os falecidos e desaparecidos. Haverá acenos de mão e recriminação. O público vai querer saber por que romperam os diques protetores de Nova Orleans e da região do Porto do Golfo, por que as necessárias precauções não foram tomadas para reduzir o impacto do Katrina e seus efeitos, e por que o esforço de socorro foi demasiado reduzido, demasiado tardio. Enfim, o que não estamos dispostos a ouvir de George Bush e da Casa Branca ou dos líderes econômicos – ou o que interessa a todos ainda dirigindo nossos SUVs – é um coletivo "somos todos culpados"!

Afastamento da torneira do petróleo

O presidente Bush convocou o povo norte-americano nesta hora de luto a acorrer à tarefa de ajudar a restaurar os diques e as estradas, a consertar as ruas e a reconstruir as casas e as comunidades que se perderam na devastação. Mas para que fim, se deixamos o demônio do aquecimento global fora de controle? A ameaça é que em breve haverá uma série de tempestades de categoria cinco, ou algo bem pior e inimaginável.

Se eu pudesse falar ao ouvido de George Bush por apenas um instante, diria: "Senhor Presidente, se o senhor tivesse olhado fundo no olho do furacão, o que teria visto seria a morte futura do planeta em que vivemos". É hora de contar ao povo norte-americano e ao mundo a verdadeira lição do Katrina: que precisamos mobilizar o talento, a energia e resolução do povo norte-americano e das pessoas de qualquer lugar para nos afastar da torneira do petróleo – que está ameaçando o futuro de qualquer criatura da terra.

Sem homilias que pedem para "suportar o furacão e perseverar"

Presidente Bush, poupe-nos de suas homilias sobre a determinação norte-americana de "suportar o furacão e perseverar". Conte-nos a verdade sobre por que Katrina e Rita realmente aconteceram. Solicite-nos a considerar uma mudança de coração sobre nossos estilos de vida esbanjadores e consumidores de energia. Convoque-nos a conservar nossas reservas existentes de óleo fóssil e a fazer sacrifícios. Consiga-nos um projeto para mover a América a um novo e sustentável futuro energético, baseado em fontes renováveis de energia e no poder do hidrogênio. Estamos aguardando.

Aquecimento global: uma arma fumegante

Por Michael McCarthy

Os superpotentes furacões que agora assolam os Estados Unidos são a "fumegante arma de fogo" do aquecimento global, como crê um dos destacados cientistas britânicos, Sir John Lawton.

A violência crescente dos furacões – como o Katrina, que devastou Nova Orleans e o Rita, agora ameaçando o Texas – é causada muito provavelmente pela mudança climática, disse Sir John Lawton, catedrático da Comissão Real de Poluição Ambiental [Royal